

---

## Depois dos 90: o trabalho do repórter de campo em entrevistas pós-jogo no futebol brasileiro<sup>1</sup>

Marcus Vinícius HOFFMANN<sup>2</sup>  
Maiara Carvalho Batista MADURO<sup>3</sup>  
Faculdade IELUSC, Joinville, SC

### RESUMO

A partir de uma crítica comum entre os fãs de futebol, de que as entrevistas com jogadores são rasas e por vezes não satisfatórias, este artigo tem como objetivo compreender como se dá o trabalho do repórter de campo na execução de entrevistas pós-jogo. O manuscrito ancora-se em contribuições teóricas sobre o processo de entrevista no jornalismo esportivo, mas tem como foco apresentar os resultados da Análise de Conteúdo aplicada a um corpus formado por entrevistas pós-jogo realizadas na rodada 24 do Campeonato Brasileiro de 2023 e das fases finais da Copa do Brasil de 2023, além de cinco entrevistas em profundidade com repórteres de campo. A análise está apresentada a partir de três categorias e aponta os desafios do formato, bem como uma junção de apontamentos para que uma boa entrevista pós-jogo possa ser realizada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Entrevista pós-jogo; Repórter de campo; Jornalismo esportivo; Futebol brasileiro.

### Introdução

“Vocês vão ter que me engolir”, “Agora, a corte está toda feliz: o rei, o príncipe, e o bobo”, “Eu só queria poder dar alegria ao meu povo”, “Nós estamos em outro patamar”. Todas essas frases são marcantes para a história do futebol nacional e todas foram ditas em entrevistas pós-jogo. Formato que está presente na maioria das transmissões esportivas e faz parte da rotina do jornalismo esportivo.

No entanto, ainda que seja considerada parte imprescindível da cobertura de uma partida de futebol, as entrevistas pós-jogo são frequentemente tratadas como um conteúdo raso, com depoimentos repetitivos que agregam pouca informação. Neste contexto, o repórter de campo é o profissional de imprensa mais próximo dos acontecimentos, sendo responsável por comunicar informações que apura no local e entrevistar os personagens envolvidos na história da partida.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado IJ04 – Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – XX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Bacharel em Jornalismo pela Faculdade IELUSC. E-mail: marcus.vinh11@gmail.com

<sup>3</sup> Doutoranda em Governança Pública pela UTFPR, docente no curso de Jornalismo na Faculdade IELUSC e orientadora da presente pesquisa. E-mail: maiara.carvalho@ielusc.br

---

Patricio (2014) relata que os repórteres já tiveram mais liberdade, pois poderiam entrevistar qualquer jogador e inclusive entrar no vestiário. Atualmente, com os profissionais de assessoria trabalhando para atletas e clubes, o processo mudou. A entrevista acontece apenas dentro de campo e, geralmente, apenas um jogador de cada time concede entrevista. Ao fim do jogo, normalmente é realizada uma coletiva de imprensa com o treinador.

Para Nilson Lage (2001), entrevistas de jogadores e técnicos pós-jogo são consideradas rituais, ou seja, são geralmente breves e com o interesse mais centrado na exposição do personagem do que realmente no que ele tem a dizer. As declarações acabam sendo irrelevantes, ou esperadas, ou ainda mera formalidade.

Sendo assim, este tipo de entrevista fica marcada pelas mesmas respostas previsíveis de atletas, por vezes, decorrentes das mesmas perguntas previsíveis por parte dos repórteres. Portanto, é responsabilidade do entrevistador ter conhecimento e criatividade para fugir dos questionamentos já recorrentes (BARBEIRO, 2006).

Acompanhar o cotidiano dos clubes e estar bem-informado também é importante, segundo Coelho (2003). Para o autor, muitos profissionais do esporte, como jogadores, treinadores e preparadores físicos reclamam do desconhecimento dos jornalistas, pois estes não buscam saber o que acontece dentro do centro de treinamento, nem como funcionam todos os processos.

O repórter de campo está presente nas transmissões desde a época em que o rádio era o único meio de comunicação que transmitia partidas de futebol, e hoje ainda atua na televisão e na internet. É o jornalista mais próximo do jogo e de seus personagens. Um profissional dessa área precisa lidar com várias nuances antes, durante e depois do jogo. Ainda que as entrevistas pós-jogo sejam rituais (LAGE, 2001), elas são uma oportunidade de esclarecer informações e aproximar o público da realidade do campo, dos jogadores.

### **Caminhos da pesquisa**

A partir do contexto apresentado acima, essa pesquisa tem como objetivo geral compreender como se dá a atuação dos repórteres de campo nas entrevistas pós-jogo. Para tanto, são objetivos específicos: 1) analisar a preparação do repórter antes e durante o jogo; 2) entender as estratégias utilizadas pelos repórteres durante as entrevistas; 3)

---

entender especificidades do formato; 4) identificar padrões nas entrevistas; 5) identificar estratégias para conseguir boas entrevistas no formato analisado.

Para atingir tais objetivos, a coleta dos dados foi realizada em duas etapas. Na primeira, foram realizadas cinco entrevistas com jornalistas de diferentes regiões que atuam ou já atuaram como repórteres de campo: Carlos Rauen (SporTV/ NSC), João Venturi (SBT), Júlia Dotto (SporTV/ Globo), Luciano Calheiros (SporTV/ RBS) e Tiago Reis (SporTV/ Rede Bahia). Na segunda etapa, foram localizadas e registradas 32 entrevistas pós-jogo da rodada 24 do Campeonato Brasileiro de 2023 e das fases finais da Copa do Brasil de 2023, realizadas entre 18 a 24 de setembro, resultando em 52 minutos de material analisado.

O corpus da pesquisa foi analisado seguindo os princípios da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011), por se tratar de um método empírico que tem como função primordial o desvendar crítico. Por se aplicar a discursos diversificados e permitir a classificação dos componentes de significado da mensagem, é um método adequado para a compreensão do material coletado, tanto dos jogos gravados como das entrevistas realizadas para a pesquisa. Dessa forma, a análise foi dividida em três categorias, conforme são descritas na sequência: preparação do repórter e desafios do formato; perguntas e respostas mais frequentes; boa entrevista pós-jogo.

### **Preparação do repórter e desafios do formato**

Ao todo, foram analisadas 32 entrevistas, realizadas ao longo de 16 jogos. As entrevistas tiveram duração média de um minuto e treze segundos. Foram feitas 54 perguntas no total, com uma média de 1,68 perguntas por entrevista. Esses dados evidenciam que se trata de uma entrevista rápida, sendo esse um desafio para o repórter extrair depoimentos relevantes dentro desse formato.

Segundo os repórteres entrevistados, há um protocolo de apenas uma pergunta na entrevista do intervalo de jogo. Já no pós-jogo, afirmam que há uma abertura um pouco maior, variando geralmente de uma a três perguntas. João Venturi relata que na Champions League, por exemplo, o padrão são três perguntas.

Questões do próprio canal, como programação e compromissos comerciais também podem influenciar no tempo disponível para a entrevista. Entretanto, Luciano Calheiros afirma que “se a entrevista estiver boa, ninguém vai te interromper, eles vão

---

arrumar um jeito de te dar mais um tempinho”, ainda que ele reconheça que isso é mais restrito na TV aberta. Carlos Rauen também afirma que a produção pode sinalizar ao repórter que deve fazer mais uma pergunta.

O contexto também é muito importante quando se trata de uma entrevista pós-jogo. Dos 16 jogos analisados, 15 tiveram um vencedor. Pois houve apenas dois empates, sendo que um deles deu o título da Copa do Brasil ao São Paulo. Ao analisar todos esses jogos, fica evidente como as entrevistas com o time vencedor rendem mais. Foram 32 perguntas feitas para jogadores que saíram da partida com a vitória, uma média de 2,13 perguntas por entrevista. Já para os jogadores que saíram derrotados, foram feitas 17 perguntas, média de 1,13 por entrevista. Em duas ocasiões dentre os jogos analisados, a equipe derrotada não quis conceder entrevista. Eram situações negativas vividas pelos times. Essa prática não é tão incomum. Dentre os motivos, é possível destacar a pressão sofrida pelos clubes e atletas, além do emocional abalado após uma derrota.

A preparação de um repórter para uma entrevista pós-jogo de futebol não se dá pensando exclusivamente nesse momento, uma vez que o repórter de campo tem diversos compromissos ao longo de uma transmissão. Existe uma preparação para a transmissão como um todo, que vem desde o pré-jogo. A pesquisa antes de uma partida é um ponto fundamental e que impacta também na entrevista. Pois, segundo Silveira (2009), entrevistas pré e pós-jogo trazem informações históricas, dados, perspectivas, preparação dos times durante os dias anteriores, história do confronto.

Esse preparo que antecede a partida pode variar de acordo com cada profissional, Tiago Reis afirma que começa a preparação dois dias antes de um jogo, demonstrando a preocupação em estar bem embasado para uma transmissão.

“Eu faço pesquisa antes, uma pesquisa extensa, você termina tocando em vários pontos da estrutura do time. Tanto ataque, quanto defesa, quanto meio-campo. Então, você tem na cabeça uma ideia do que acontece, de forma geral, no time dentro do campeonato. Então, quando você vai entrevistar, você já tem esse panorama geral do que acontece com o time”. (Tiago Reis, 2023)

Carlos Rauen comenta que um gol “normal” para quem não cobre o clube, pode ter uma grande história por trás. Luciano Calheiros afirma que o repórter precisa estar sempre preparado, atualizado sobre tudo que está acontecendo, pois a informação serve como base para o imprevisto. Embora esse conhecimento ajude em uma entrevista, se

---

tratando do pós-jogo, o repórter não pode ficar preso somente a essas informações. A história do jogo sempre prevalece.

“Eu não posso desenhar isso como um roteiro. O roteiro, ele vai acontecer diante dos olhos do repórter. Ali nos 90 minutos de uma partida, vai ser contada uma nova história. E depois dessa história, quais os elementos que o repórter vai acrescentar à história que a gente acabou de assistir? É a entrevista com o jogador.” (Luciano Calheiros, 2023)

Júlia Dotto sintetiza que o importante para as entrevistas pós-jogo é estar preparado e, a partir dessa preparação, observar o contexto da partida. Para isso, é importante ter uma boa leitura do jogo. Segundo a repórter, é um processo natural que acontece durante a partida, observando os destaques positivos e negativos.

Ao longo das entrevistas para a pesquisa, os repórteres repetiram por 12 vezes uma palavra estrangeira, *feeling*, que vem do inglês e pode ser definido como “modo ou capacidade de sentir uma situação; percepção, sensibilidade, sentimento”. Tudo isso é parte do trabalho jornalístico de um repórter que cobre um evento. Não seria diferente em um jogo de futebol. É preciso ter uma boa percepção dos fatos de uma partida, aliada de sensibilidade e sentimento, para assim, ter a capacidade de fazer uma leitura correta do momento e conseguir escolher bem o entrevistado, fazer boas perguntas, interagir com o jogador e possivelmente realizar uma boa entrevista pós-jogo.

Para contar a história de um jogo, é preciso escolher corretamente os personagens que vão contar essa história. Caso a partida não termine empatada, geralmente um personagem representa o time vencedor e outro o derrotado. Logo, os entrevistados escolhidos são os destaques positivos e negativos. Outro personagem frequentemente escolhido para as entrevistas do time que perdeu são jogadores experientes, figuras de liderança, como o capitão da equipe. São jogadores que carregam consigo uma responsabilidade maior e, por consequência, representam a equipe em momentos de adversidade e na interlocução com a torcida.

Mas antes de ter contato com o jogador, o repórter precisa falar com a assessoria de comunicação do clube. Júlia Dotto informa que o repórter de campo “está sempre em contato com o assessor dos clubes, principalmente quando são clubes maiores e tem essa estrutura”. Existe um protocolo da Confederação Brasileira de Futebol para as entrevistas pós-jogo. Tiago Reis explica que o repórter informa ao assessor qual jogador ele deseja entrevistar, então o assessor conversa com o jogador para confirmar se ele

---

deseja conceder entrevista. Em caso negativo, o assessor leva outro jogador, mas segundo o jornalista, geralmente os pedidos são atendidos. Exceção é quando o time inteiro decide não falar. Todo esse processo é acompanhado por um fiscal de imprensa da CBF.

A assessoria de comunicação é um ponto citado pelos jornalistas entrevistados como fator que dificulta as entrevistas com os jogadores. Segundo Júlia Dotto, no Brasil, é preciso considerar questões que são específicas do futebol. A repórter afirma que, diferente de outros esportes, em clubes de futebol bem estruturados, os jogadores recebem o chamado *media training* desde as categorias de base.

Como hoje os atletas se preparam cada vez mais no âmbito da comunicação, segundo Luciano Calheiros, há discursos prontos para cada situação, de modo que os jogadores evitem prejuízos à sua imagem. E a assessoria de comunicação tem o papel de preparar os jogadores para entrevistas, de modo a proteger tanto eles como o clube. Porém, isso pode limitar ou direcionar a resposta, tornando a comunicação menos espontânea.

A partir de todas as informações compartilhadas pelos repórteres para a pesquisa, é pertinente observar quais foram as escolhas efetivas de repórteres nos jogos analisados do Campeonato Brasileiro e da Copa do Brasil.

Capitães aparecem como figuras de liderança para falar em momentos de derrota, como citado pelos jornalistas, enquanto os destaques negativos foram mais escassos. Chama a atenção o fato de apenas dois jogadores com falhas capitais serem entrevistados, sendo que, em ambos os casos, os atletas também tinham outros pontos para serem focados na entrevista.

Além disso, é possível perceber como a escolha mais comum é pelo jogador que marca um gol, foram mais de 40% dos entrevistados. Goleiros também tiveram um destaque considerável, considerando que são minoria em campo, mas representaram mais de 15% dos entrevistados.

Quando vai entrevistar um jogador, o jornalista é representante do público, da torcida. O repórter de campo precisa ter consciência desse papel (BARBEIRO, 2006), como demonstra João Venturi, ao afirmar que ele, como repórter, é um meio entre o jogador e as milhões de pessoas que estão assistindo.

---

No entanto, é preciso reconhecer também que, na média, as perguntas de fim de jogo vão ter alguma semelhança. Rauen cita que situações muito específicas de jogo costumam ser abordadas em entrevistas coletivas ou fora da transmissão, em que há mais tempo hábil. Por isso ele reforça que é preciso tentar coisas diferentes, ainda que quebre protocolos, é preciso pensar fora da caixa.

Através do jornalista, com uma boa entrevista, é possível aproximar o público dos personagens. Porém, questões como o curto tempo disponível, resultados negativos, o trabalho da assessoria de comunicação e mesmo a falta de capacidade de inovação dos repórteres, pode levar a um cenário de respostas rasas e similares.

### **Perguntas e respostas mais frequentes**

A partir do corpus apresentado, a pesquisa buscou identificar quais as perguntas mais frequentes e classificou de acordo com o tema: 1) análise do jogo; 2) sentimento pelo resultado; 3) sequência da temporada; 4) lance do jogo; 5) detalhe sobre jogador; 6) polêmica.

João Venturi afirma que não é de bom tom numa entrevista pós-jogo não perguntar sobre a partida. Evidentemente, o jogo é o foco principal, portanto, o assunto está presente nas entrevistas através de diferentes tipos de perguntas. Após uma primeira pergunta sobre a partida, é possível buscar outros assuntos.

O que mais se repete são perguntas referentes a análise de jogo, englobando aqui todas as perguntas que buscam explicações sobre a disputa da partida e o resultado. Foram 19 perguntas no total envolvendo o tema, representando 35,18% das perguntas e estando presente em mais da metade das entrevistas (56,25%).

Geralmente, esse tipo de pergunta já tem alguma avaliação do próprio repórter na sua construção, como por exemplo na pergunta feita por Fábio Juppá para Marlon no jogo Fluminense e Cruzeiro: “time foi mais incisivo, mais agressivo no segundo tempo, teve a oportunidade de marcar, mas também teve muita dificuldade com a posse de bola com o Fluminense e acabou perdendo o jogo. O que você acha que faltou pro Cruzeiro igualar a partida?”

Embora isso se demonstre na maioria dos casos, não é regra. Tiago Reis faz a seguinte pergunta para Kanu, após a derrota para o Santos: “como explicar para mais de

41 mil torcedores que vieram aqui nessa segunda-feira apoiar o Bahia e o time sai derrotado de virada dentro de casa?” Ainda que ele também peça uma explicação sobre a derrota, ele não aponta características do jogo, mas traz a perspectiva da torcida.

No caso de vitória da equipe, muitas vezes o jogador não era perguntado a respeito da visão sobre o jogo, mas sim sobre o sentimento pelo resultado. Apenas jogadores que venceram receberam perguntas dessa categoria, variando entre qual a importância do resultado, o que ele representa, ou mesmo o que o jogador está sentindo, por exemplo. Foram nove perguntas dessa categoria, representando 16,66% do total, estiveram presentes em um quarto (25%) das entrevistas analisadas.

Outro tipo de pergunta muito frequente é em relação à sequência da temporada. Nessa categoria, entram tanto perguntas direcionadas ao próximo jogo, como a respeito dos objetivos do clube, da tabela do campeonato ou do fim da temporada. Foram 16 perguntas, representando 29,62% do total e estando presente em quase metade das entrevistas (46,87%). Nos jogos de ida da Copa do Brasil, tanto nas semifinais como na final, foram feitas perguntas projetando o jogo de volta, sempre levando em conta a vantagem do time vencedor.

Foram feitas 11 perguntas referentes a lances do jogo, representando um quinto das perguntas (20,37%) e estando presente em cerca de um terço das entrevistas (31,25%). Leo Fernández, do Fluminense, foi perguntado sobre a inspiração para sua cobrança de falta que resultou no gol da vitória sobre o Cruzeiro, por exemplo. Na vitória do Atlético-MG sobre o Cuiabá, a repórter pede para Éverton detalhar como foram duas defesas difíceis que ele fez.

Embora tenham sido feitas 14 perguntas — 25,92% do total — da categoria detalhe sobre o jogador, ela esteve presente em apenas 8 entrevistas — 25% das entrevistas —, o que demonstra como essas perguntas se repetem dentro de uma mesma entrevista. Essa abordagem, com perguntas mais direcionadas a peculiaridades do atleta, foi utilizada na maioria das vezes com jogadores mais conhecidos ou que são destaques em seus clubes, como por exemplo: Renato Augusto, Marcos Leonardo, James Rodríguez, Pablo Vegetti e Tchê Tchê.

Perguntas a respeito de questões controversas, desentendimentos, confusões e reclamações de arbitragem entram na categoria polêmica. Aqui foram apenas seis perguntas, representando 11,11% do total, presentes em 15,6% das entrevistas. São

---

perguntas mais pontuais, costumam ocorrer quando há alguma questão de bastidor em alta no momento ou quando há algum acontecimento polêmico durante a partida.

Ao longo das 54 perguntas analisadas, as categorias elaboradas foram notadas por 75 vezes. Ou seja, há diversas perguntas que envolvem mais de uma categoria. Prática que pode enriquecer uma pergunta. Mas por outro lado, o excesso de informações em uma mesma pergunta pode levar o atleta a não responder por completo de maneira satisfatória.

Uma alternativa que qualquer repórter tem ao longo de uma entrevista é interagir com as respostas do entrevistado. No jornalismo esportivo não é diferente.

“Uma coisa que vale para o jornalismo de um modo geral, não só para o esporte, não só para o futebol, que é você estar atento ao que o cara está te respondendo. Porque às vezes você vai com um protocolo na sua cabeça e aí você não ouve o que o cara está te respondendo. Você já está pensando na próxima pergunta que você vai fazer e o cara fala no meio: ‘eu chutei a perna do cara de propósito, o juiz não viu. Mas segue o baile, a gente tem que seguir trabalhando para buscar os três pontos’. Aí você simplesmente ignora aquela informação absurdamente importante.” (Júlia Dotto, 2023)

Nos jogos analisados, apenas três entrevistas usaram o artifício de interagir com uma resposta do atleta. Destaque para a pergunta feita para Marcos Leonardo após a vitória do Santos contra o Bahia. Após o jogador concluir sua primeira resposta, ele pede apoio da torcida no próximo jogo. Então, a repórter Daniela Leone aproveita o gancho: “por falar em torcida, qual o recado que você deixa para a torcida? Dá para o torcedor do Santos acreditar na permanência do Santos na Série A?” Então o jogador responde sobre haver esperança mesmo que tenha 1% de chance, e em seguida crava que o Santos não cai. A jornalista conseguiu extrair uma declaração de mais impacto do que na resposta anterior.

Embora cada resposta tenha elementos particulares, também direcionados pelas perguntas, foi possível identificar diversos padrões nas respostas de jogadores nas entrevistas analisadas. Três agentes se destacaram como os mais citados nas entrevistas: grupo, torcida e o adversário.

O grupo pode ser traduzido como o elenco do time. Em 15 respostas diferentes os atletas fizeram questão de exaltar o grupo, sendo que nem sempre a pergunta tem relação direta com o grupo como um todo. Entretanto, sempre que possível os jogadores

destacam o esforço, a dedicação, a entrega e principalmente o trabalho do grupo. A palavra trabalho, em suas diferentes conjugações, foi dita 24 vezes pelos jogadores ao longo das entrevistas. Por outro lado, questões técnicas e táticas são menos citadas nas respostas dos atletas.

A torcida também é bastante citada nas entrevistas, estando presente em 11 respostas. Geralmente, o atleta usa de sua comunicação com o torcedor para agradecer e pedir apoio, mas eventualmente também para “prestar contas”. Por isso é sempre exaltado o esforço da equipe, uma vez que torcedores costumam cobrar força de vontade e raça de seus jogadores.

A palavra “adversário” foi citada em 10 respostas. Todas as vezes, de maneira positiva, respeitando o clube e principalmente destacando como é um adversário difícil. Ao exaltar o oponente, este discurso mostra a dificuldade que a equipe enfrentou, justificando um resultado negativo ou valorizando ainda mais o desempenho em caso de resultado positivo.

Em oito respostas os jogadores mencionaram erros da sua equipe. Obviamente o jogador não vai querer prejudicar a si ou ao time, portanto, as críticas costumam ser mais sutis que os elogios. Eventualmente, são citados erros sem que eles sejam claramente explicados: “a gente ainda teima em alguns erros bobos, isso vai nos penalizando”, disse o zagueiro Kanu.

Críticas mais explícitas são incomuns. Elas aparecem com mais frequência em um cenário específico: reclamação da arbitragem. Três respostas demonstraram isso nos recortes analisados. Sendo que em duas delas, os jogadores criticam nominalmente o árbitro.

Observou-se também diferenças nos comportamentos em diferentes competições. Os jogos da Copa do Brasil têm duas principais particularidades nas respostas, que possivelmente estão presentes em outras competições de sistema mata-mata. Em primeiro lugar, nos jogos de ida analisados, o jogador vencedor sempre fez questão de dizer que ainda não há nada resolvido. Demonstrando o já citado respeito ao adversário e um cuidado em não se precipitar ao “cantar vitória”.

Outra questão perceptível na Copa do Brasil é a emoção dos atletas. Como são jogos decisivos e eliminatórios, os jogadores demonstraram mais emoção em alguns

---

momentos. Lucas se emocionou após eliminar o Corinthians: “difícil encontrar palavras para descrever o que eu tô sentindo nesse momento. Tô sonhando”.

### **Boa entrevista pós-jogo**

Após retratar o contexto e realidade das entrevistas pós-jogo no Brasil através das informações obtidas nesta pesquisa, é possível entender o que é uma boa entrevista pós-jogo. Para isso, são fundamentais os relatos dos jornalistas que têm a experiência prática nessa área. João Venturi reforça a importância de tempo para uma entrevista.

“A melhor entrevista é aquela que a gente tem mais tempo pra explorar, com calma, né, pra conversar com o jogador mesmo, quebrar o gelo antes da entrevista, bater um papo antes e tal. Isso seria legal. Isso acontece mais no pré-jogo do que no pós-jogo, pra falar bem a verdade. Com o tempo, você pode explorar pontos diferentes que os outros jornalistas não vão perguntar.” (João Venturi, 2023)

Entretanto, considerando o contexto das entrevistas depois das partidas, o tempo é realmente curto, se colocando como um grande obstáculo. Porém, ainda há perspectiva de conseguir realizar uma boa entrevista. Os jornalistas entrevistados apontaram diversas circunstâncias referentes ao trabalho do repórter de campo e ao comportamento do entrevistado que levam a um bom conteúdo.

A jornalista Júlia Dotto reforça a importância de ter a atenção do telespectador, pois no momento da entrevista, o evento principal, que é o jogo, já se encerrou. Portanto, existe um esforço em sair do trivial e acrescentar algo para o público. Ela menciona inclusive a relação do público com o atleta, pois como diz Oliveira (2017), as entrevistas aproximam o torcedor do jogador.

Um bom exemplo foi no jogo entre Atlético Mineiro e Cuiabá. Depois da derrota do time mato-grossense, a repórter não pergunta ao goleiro e capitão Walter apenas sobre o jogo em si, mas destaca a trajetória do time e pede uma explicação para esse cenário: “O Cuiabá vinha de uma sequência de seis jogos de invencibilidade, agora engata uma sequência de seis jogos sem vitória. O que que explica essa oscilação tão grande?” A resposta de Walter destaca a falta de união dentro e fora de campo, algo extremamente raro de ser apontado publicamente por um jogador. A entrevista não

---

apenas fugiu do óbvio, como provavelmente prendeu a atenção dos telespectadores e impactou na relação dos torcedores com Walter e com o elenco.

Como já retratado na pesquisa, geralmente o jogador entrevistado é destaque da partida. Mas é muito interessante a busca por informações relevantes sobre o personagem que podem trazer à tona boas histórias, mesmo que não ligadas ao jogo. É isso que destaca o jornalista Tiago Reis, reforçando a importância de humanizar os personagens.

“A boa entrevista pós-jogo é quando você tem um cara que é o destaque de um jogo, por um gol ou por uma assistência, e que você tem informações sobre coisas da vida dele, que ele passou dificuldades ou até uma vitória que ele teve durante aquela semana. Quando você coloca isso pra ele e ele começa a falar sobre isso, não é só o jogo. É tudo que envolve. A semana dele de treino, a família. E aí sai uma coisa grande. [...] É o futebol, mas é também a vida daquele cara que está ali.” (Tiago Reis, 2023)

No jogo Corinthians e São Paulo pela Copa do Brasil, a entrevista de Renato Augusto também se destacou e ilustra a fala de Tiago. A pergunta feita pelo repórter Edgar Alencar foi: “você que tem uma carreira tão vitoriosa, já viveu tanta coisa, mas essa temporada né, lesões seguidas, o que significa uma noite como essa?” O jornalista pergunta a respeito do jogo, mas fazendo um recorte da história do jogador. Em sua resposta, Renato traz um conteúdo além dos 90 minutos de jogo, com um depoimento pessoal sobre sua trajetória.

“Uma boa entrevista pós-jogo é quando o jogador fala com coração e não com assessoria, sabe? É quando ele realmente fala o que ele acha que aconteceu em campo, e não com aquela, vamos ouvir o professor no próximo jogo. E como alguns jogos são muito intensos, aquela loucurada, gol no final, alguns acréscimos, realmente a gente tem essas entrevistas bem genuínas, porque o cara ainda está na emoção, ele ainda está na adrenalina. Então a gente tem que saber fazer a pergunta para que ele se solte, sabe?” (Carlos Rauen, 2023)

São vários elementos que constroem uma boa entrevista pós-jogo. É importante que o jogador dê respostas genuínas, fale com a emoção. É muito positivo que o repórter consiga extrair uma análise sincera do jogo, com o jogador relatando o que realmente aconteceu em campo, para além de falas clichês. Luciano Calheiros ainda afirma que trazer novos elementos para discussão e novas pautas também caracteriza uma entrevista bem-sucedida.

---

Foi possível identificar vários desses fatores pós-jogo no recorte analisado. Muitas entrevistas têm ao menos um dos pontos destacados pelos repórteres. Embora sejam diversificadas as definições dos jornalistas entrevistados a respeito da boa entrevista pós-jogo, há pontos que convergem entre as respostas e permitem uma definição mais sucinta.

A boa entrevista é aquela capaz de prender a atenção, fugir do óbvio, explorar pontos diferentes, trazer novos elementos para discussão e tirar a emoção do jogador de forma genuína. Evidentemente, é difícil aliar todos os pontos em uma mesma entrevista e existem muitos desafios impostos pelo formato, mas é trabalho jornalístico do repórter fazer o máximo para conseguir enriquecer o conteúdo com informações relevantes para o público.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O jornalista precisa estar constantemente bem informado sobre o noticiário esportivo, especialmente dos campeonatos que cobre. Acompanhar o dia a dia do clube faz muita diferença, por isso, é interessante que o repórter de campo seja um setorista do clube. Assim o profissional conhece bem o contexto, os personagens e está habituado àquela realidade.

Além do jornalista estar naturalmente bem informado, há uma preparação específica para o jogo, focando nele como um todo, não apenas no pós-jogo. Esse processo envolve muito estudo, tanto sobre a situação dos clubes quanto a respeito dos jogadores, especialmente os destaques. Tal estudo serve como grande embasamento para as entrevistas, podendo enriquecer as perguntas.

Depois de coletar as informações prévias necessárias, cabe ao repórter ter uma boa observação do jogo, afinal, a história a ser contada pelo repórter é aquela que acontece ao longo dos 90 minutos de jogo. É possível que os estudos se alinhem com os fatos do campo, mas em caso negativo, a história do jogo prevalece. Portanto, é preciso o *feeling* do repórter para ler corretamente o contexto, unindo percepção, sensibilidade e sentimento às informações adquiridas antes e durante o jogo.

Este trabalho permite ao profissional tomar melhores decisões, tanto na escolha do entrevistado quanto na elaboração das perguntas e na interação com o jogador. A

---

escolha do entrevistado não é responsabilidade exclusiva do repórter, uma vez que jogadores podem se recusar a conceder entrevista ou serem barrados pela assessoria de comunicação. Mas quando o repórter é atendido, é necessária atenção à escolha, fator fundamental no resultado da entrevista.

Os personagens escolhidos devem ser os protagonistas. Com maior frequência são entrevistados os destaques positivos, muitas vezes aqueles que marcaram gols. No caso de derrota, também costumam ser entrevistados destaques da equipe que perdeu, mas em momentos muito adversos é habitual procurar uma figura de liderança, como o capitão da equipe. Além disso, é preciso levar em conta o perfil do atleta, pois há jogadores mais retraídos e outros que falam com mais frequência o que realmente estão pensando.

Esse formato apresenta grandes desafios que fazem parte de sua atual estrutura, sendo que não parece que haverá mudanças em breve. O tempo disponível para a entrevista é muito curto, com média próxima de um minuto no recorte analisado. O tempo de grade na programação e o cansaço dos jogadores podem ser fatores que impliquem nessa dinâmica. Tornando difícil o desenvolvimento e aprofundamento da entrevista.

Dentre as perguntas mais frequentes estão aquelas relacionadas à análise do jogo. A sequência da temporada, também é assunto frequente, aparecendo geralmente após uma primeira pergunta. Com exceção em ocasiões excepcionais, o jogo realmente deve ser o principal tópico da entrevista. É preciso reconhecer limitações do formato, dificultando a abordagem de assuntos mais diversos. Ainda assim, é perceptível que os repórteres buscam uma variação de temas, sendo que perspectivas e observações diferentes podem levar a perguntas mais originais.

O mesmo tema pode ser explorado de várias maneiras, uma pergunta sobre análise de jogo, por exemplo, apresentou estruturas e informações diferentes de acordo com o contexto e a criatividade do repórter. É importante que exista essa busca por novas abordagens para evitar a saturação do formato. Um recurso importante e que foi pouco utilizado são as interações do repórter com as respostas do entrevistado, permitindo fazer novas perguntas a partir do gancho que o jogador dá.

Considerando o cenário da comunicação e do futebol atual, os jornalistas entrevistados ajudaram a construir uma concepção da boa entrevista pós-jogo,

---

caracterizada pela capacidade de fugir do óbvio, explorar pontos diferentes, trazer novos elementos para discussão e fazer o jogador demonstrar emoção de forma genuína. Fica clara a importância de um fato novo — afinal, o jornalismo vive da notícia — ou ao menos de novas reações do entrevistado. Extrair isso em uma entrevista de pouco mais de um minuto, com um entrevistado treinado a responder — muitas vezes com respostas prontas — é um grande desafio.

Entretanto, as entrevistas ocorrem no calor da emoção de uma partida de futebol, após o fim do grande evento, em um momento de comunicação do jogador com o seu torcedor. É um momento único e foram observadas boas entrevistas no recorte analisado. Declarações únicas e impactantes ainda estão presentes. Uma ótima prática é a humanização do personagem, aproximando-o do público e possivelmente facilitando a comunicação. Cabe ao repórter estar bem preparado e atento para tomar as melhores decisões a fim de conseguir a melhor entrevista possível dentro do contexto.

## REFERÊNCIAS

- BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p.
- COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo esportivo**. São Paulo: Editora Contexto, 2003.
- GONÇALVES, Bernardo. **Transmitiu essa? uma análise sobre as transmissões dos jogos do Brasil na Copa do Mundo do Catar na CazéTV**. Joinville: Faculdade Ielusc, 2023.
- LAGE, Nilson. **Teoria e técnica de reportagem, entrevista e pesquisa jornalística**. Recuperado de <http://nilsonlage.com.br/wp-content/uploads/2017/10/A-reportagem.pdf>. Editora Record (2001).
- OLIVEIRA, Ana Carolina Alves. **Olimpíadas Rio 2016: análise das entrevistas feitas pelo SporTV na zona mista**. 2017. 56 f. Monografia (Graduação) - Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2017.
- PATRÍCIO, Elisa Ferreira de Carvalho. **Na emoção do futebol: uma análise das transmissões no rádio e na TV**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação-Habilitação em Jornalismo) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- SILVEIRA, Nathália Ely da. **Jornalismo Esportivo: conceitos e práticas**. (2009).